

Exercício da crítica não é traição, reagem políticos

Brasília — Ao classificar, em seu pronunciamento de sexta-feira, o exercício da crítica como traição, o presidente José Sarney despertou reações indignadas nos partidos que não pertencem à Aliança Democrática e até dentro do PMDB. “Voltamos aos tempos do ame-o ou deixe-o, aos tempos do general Médici”, afirmou o deputado Cesar Maia (PDT-RJ). Na mesma tecla, bateu o líder do PDS na Câmara, Amaral Neto. “É uma nova chantagem, como foi o Plano Cruzado”, disse ele. “Foi um grande equívoco do presidente”, acusou o deputado Fernando Lyra (PMDB-PE).

O vice-líder do PT na Câmara, deputado Plínio Arruda Sampaio, considerou extremamente negativo este trecho do discurso e lembrou que, “nos Estados Unidos, durante a Segunda Guerra Mundial, o presidente Roosevelt enfrentou uma eleição e foi extremamente criticado pela oposição, mas nem por isso os que o criticaram foram considerados traidores da nação”. O PDT emitiu uma nota de “apoio preliminar e crítico” à suspensão do pagamento da dívida, cobrando maiores informações sobre as condições em que ela será renegociada.

César Maia observou que, em seu discurso, o presidente “não conta toda a verdade, porque diz que não houve constrangimento cambial, quando todos sabemos que este constrangimento é evidente”. O deputado percebeu na fala de sexta-feira “a mesma tentativa de dramatizar uma decisão presidencial que buscava um apoio compulsório na nação, como ocorreu com o anúncio do Plano Cruzado”. Para Maia, Sarney buscou “o mesmo espírito autoritário do ame-o ou deixe-o, que não reconhece o direito de divergir, acertando ou errando”.

O líder do PDS no Senado, Jarbas Passarinho, também observou que o presidente buscou “empolgar o povo”, mas não sabe ainda “o que vai acontecer depois, se vierem retaliações”. Passarinho criticou a postura presidencial de tratar o problema da dívida como uma herança dos governos militares. “Até quando vão ficar falando em herança”, perguntou. “Quando deixou o governo, o ministro Delfim Neto deixou uma excelente renegociação encaminhada, um acordo de 16 anos com sete de carência”, recordou.

Passarinho acredita que o discurso de Sarney vai “pegar” junto à população “porque o governo está contando com o apoio das esquerdas”. Fernando Lyra também notou

que o governo “está buscando uma unanimidade, mas foi infeliz nesta tentativa”. Para o deputado pernambucano, a fala de Sarney lembrou atitudes semelhantes à do ex-presidente João Figueiredo. “Ao invés de condenar a crítica”, criticou Lyra, “o presidente devia ser mais realista, porque em seu discurso ele não foi”. Amaral Neto, no plenário da Constituinte, acusou: “Eu só conheço dois regimes em que criticar o governo é considerado traição: o fascismo e o comunismo.”

Mas foi justamente em alguns setores da esquerda que o presidente Sarney encontrou respaldo para a frase “nada de traição em nome de crítica ao governo”. O deputado João Cunha (PMDB-SP), duas vezes processado pela Lei de Segurança Nacional no regime militar, disse que, “na questão da moratória, discordar do governo é servir à banquerota internacional, é traição mesmo”. E o líder do PCB na Câmara, Roberto Freire, mesmo reconhecendo na frase “um vezo autoritário”, foi taxativo: “Eu não faço oposição ao governo.”

Para o senador Mário Covas (PMDB-SP), o sentido da afirmação do presidente é o de “reafirmar ser necessário uma extraordinária unidade nacional e identificação de todos os segmentos da sociedade para resolver o problema maior, a crise econômica”. Ele acredita que o presidente fez “um apelo nacional de engajamento à luta para que o país consiga ultrapassar os limites das dificuldades: Isso não significa que se deva eliminar a oposição partidária, que é legítima.”

“Mas, diante da dimensão dos problemas econômicos, urge uma união nacional em torno da solução apresentada pelo governo”, disse Covas. O líder em exercício do PMDB na Câmara, deputado Ibsen Pinheiro (RS), preferiu ironizar as interpretações negativas da declaração do presidente: “Muitas críticas são bem intencionadas, mas algumas representam interesses antinacionais. A diferença se constata pela biografia dos críticos. Esse é o marco da diferença.”

Também o líder na Câmara, José Lourenço (BA), interpreta a frase do presidente de forma positiva: “O presidente, com coragem política e com o apoio da Aliança Democrática, assumiu a frente da luta.” Conclamou todos para que ajudem na solução da crise econômica, apoiando integralmente a decisão que tomou por considerá-la a melhor entre todas as alternativas.